

Entre o saber e o risco: prevalência e padrões de automedicação entre estudantes de medicina no norte do Brasil

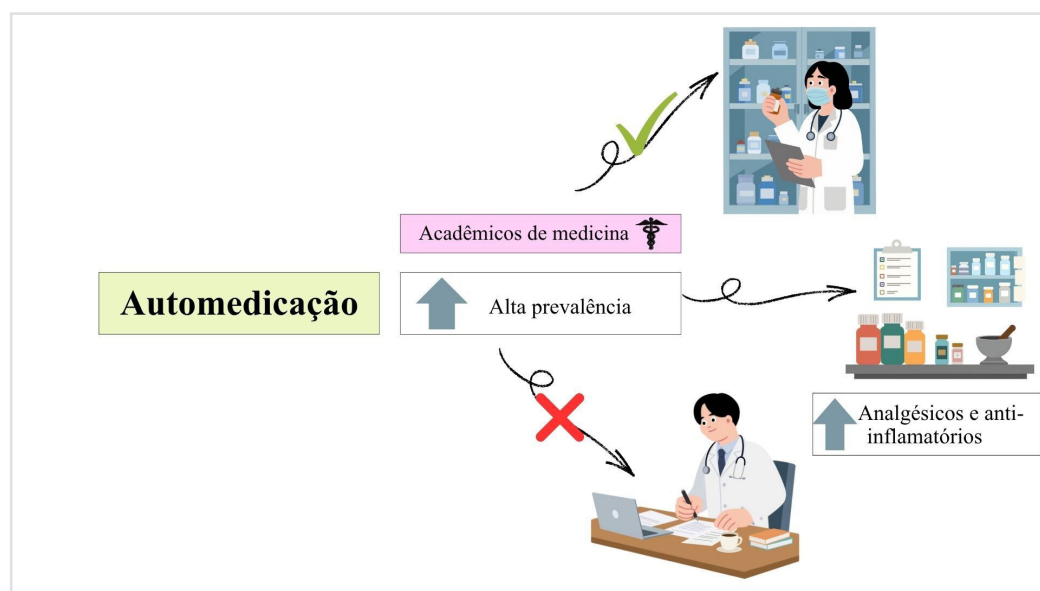
Izadora Downar Bakalarczyk¹  Ana Clara Almeida Ribeiro¹  Mariana Almeida Ribeiro¹ 
Maykon Jhuly Martins de Paiva¹  Savia Denise Silva Carlotto Herrera¹  Mateus Silva Santos¹ 

¹Universidade de Gurupi – UnirG. Paraíso do Tocantins/TO, Brasil.
E-mail: izadorabakalarczyk@gmail.com.br

Highlights

- Cerca de 94,4% dos estudantes de Medicina relataram prática de automedicação, principalmente com analgésicos e anti-inflamatórios.
- Falta de tempo, uso prévio de medicamentos e confiança no próprio conhecimento foram os principais motivadores.
- Observou-se que 80,6% buscaram aconselhamento com farmacêuticos ou balconistas.
- Apesar do conhecimento técnico, persistem lacunas sobre riscos e efeitos adversos, reforçando a necessidade de educação para o uso racional de medicamentos.

Resumo Gráfico



Resumo

A automedicação constitui prática amplamente difundida e representa importante desafio para a saúde pública, especialmente entre estudantes da área da saúde. Este estudo teve como objetivo descrever a prevalência e os padrões de automedicação entre estudantes de medicina de uma universidade do norte do Brasil. Trata-se de um estudo transversal, quantitativo, de natureza descritivo-analítica, realizado com 216 estudantes. A coleta de dados ocorreu por meio de questionário autoaplicável e anônimo, adaptado de instrumento previamente validado. As variáveis investigadas incluíram frequência da automedicação, motivos da prática, classes de medicamentos utilizadas, fontes de aconselhamento e conhecimento sobre riscos e efeitos adversos. A maioria dos participantes era do sexo feminino (70,8%). A compra de medicamentos sem prescrição foi relatada por 94,4% dos estudantes e 80,6% afirmaram buscar aconselhamento com farmacêuticos ou balconistas. Analgésicos e anti-inflamatórios foram as classes mais frequentemente utilizadas. Em relação ao conhecimento sobre efeitos adversos, 59,7% relataram conhecer a maioria deles, enquanto apenas 12,5% afirmaram conhecer todos. Observou-se elevada prevalência de automedicação entre os estudantes avaliados, associada principalmente à familiaridade prévia com medicamentos, falta de tempo para consultas médicas e percepção de conhecimento suficiente sobre os fármacos. Os resultados reforçam a necessidade de estratégias educativas durante a formação médica voltadas ao uso racional de medicamentos.

Palavras-chave: Automedicação. Uso Racional de Medicamentos. Estudantes de Medicina. Estudos Transversais.

Editor de área: Edison Barbieri

Revisora: Jaqueline Gleice Aparecida de Freitas 

Mundo Saúde. 2026,50:e18792025

O Mundo da Saúde, São Paulo, SP, Brasil.

<https://revistamundodasaude.emnuvens.com.br>

Recebido: 02 novembro 2025.

Aprovado: 08 abril 2026.

Publicado: 23 abril 2026.

INTRODUÇÃO

A automedicação é definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como a administração de medicamentos para o controle ou tratamento de doenças autodiagnosticadas ou por doenças e sintomas recorrentes. A automedicação também é definida como o uso de medicamentos sem orientação médica, uso de medicamentos antigos para novas enfermidades, compartilhamento de medicamentos entre amigos ou familiares, entre outros¹. Esta prática é altamente prevalente em diversos países. Algumas entidades de saúde já estimaram que pelo menos 50% dos medicamentos prescritos são dispensados de forma incorreta; em países em desenvolvimento, cerca de 80% dos medicamentos vendidos são comprados sem receita médica². Diversos fármacos vendidos sem prescrição médica, apresentam interações danosas no organismo, como os Anti-Inflamatórios Não Esteroidais (AINEs), considerado o agente mais comum na causa de lesão hepática induzida por fármacos da América Latina³. Nesse contexto, as razões que podem motivar a automedicação são inúmeras e individuais. Entre elas, pode-se citar o sistema de saúde presente na cidade, o nível socioeconômico, o gênero e a idade⁴.

Durante a pandemia de COVID-19, a prática da automedicação ganhou proporções mais significativas, impulsionada pela dificuldade de acesso a serviços de saúde, pelo medo de contágio e pela ampla circulação de informações, mesmo sem respaldo científico. Observou-se o consumo elevado de analgésicos, antipiréticos, anti-inflamatórios, vitaminas, suplementos, antibióticos e fármacos como a ivermectina e a hidroxicloroquina, amplamente divulgados como alternativas terapêuticas, apesar da ausência de comprovação científica de eficácia contra a doença⁵. Ademais, é importante ressaltar que a tendência à automedica-

ção não se restringe à população leiga. Estudantes da área da saúde apresentam elevadas taxas de automedicação. O acesso facilitado a medicamentos e a percepção de autossuficiência profissional acarretam uma baixa procura aos profissionais da saúde e acabam por estimular esse comportamento⁶. É importante ressaltar, ademais, que apesar dos conhecimentos divergirem muito entre o início e o final dos cursos, a prática de automedicação é constante durante todos os anos⁴.

A automedicação entre estudantes de medicina apresenta um aparente paradoxo: apesar do maior acesso ao conhecimento farmacológico, esse grupo frequentemente adota práticas potencialmente arriscadas. Modelos comportamentais em saúde, como o *Health Belief Model*, sugerem que indivíduos podem subestimar riscos quando percebem maior controle sobre a situação ou quando experiências prévias positivas reforçam determinado comportamento. No contexto acadêmico, fatores como carga horária elevada, percepção de autossuficiência técnica e acesso facilitado a medicamentos podem contribuir para a normalização da automedicação.

Nesse cenário, torna-se fundamental investigar os padrões de automedicação entre estudantes de medicina. Apesar do domínio técnico relacionado à farmacologia, o uso de medicamentos sem avaliação médica adequada também se mostra prejudicial a esse grupo, especialmente por mascarar sintomas relevantes e comprometer o processo formativo voltado à conduta clínica ética e responsável. Assim, o presente estudo tem como objetivo descrever a prevalência, os padrões de uso e os fatores associados à prática de automedicação entre estudantes de medicina de uma universidade do norte do Brasil.

METODOLOGIA

Características do estudo

Trata-se de um estudo transversal, quantitativo, de natureza descritivo-analítica. Foi realizado junto a estudantes do curso de medicina da Universidade de Gurupi – Campus Paraíso do Tocantins, localizada no município de Paraíso do Tocantins, região Norte do Brasil. O objetivo principal foi investigar a frequência e os padrões de automedicação entre os discentes, além de identificar os medicamentos mais utilizados, os fatores motivadores da prática e o nível de conhecimento declarado sobre seus riscos. Este estudo seguiu todas as etapas de apreciação ética, sendo realizado somente após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP), sob número de aprovação: 7.596.559.

CrITÉRIOS de seleção

A população estudada correspondeu aos estudantes regularmente matriculados da segunda à nona turma do curso de Medicina (primeiro a oitavo período). A primeira turma foi excluída do universo amostral por estar em período de internato, fora do ambiente acadêmico regular durante o período da coleta. A amostra foi calculada com base na fórmula para amostras aleatórias simples, considerando um nível de confiança de 95% e margem de erro de 5%, resultando em um tamanho mínimo estimado de 216 participantes. A seleção dos respondentes se deu por conveniência, sendo incluídos os alunos que estavam disponíveis e dispostos a participar no momento da aplicação do instrumento. É importante ressaltar que esse tipo de

amostragem limitou a generalização dos resultados para outras instituições.

Foram excluídos do estudo todos os estudantes menores de 18 anos, com matrículas irregulares, que não aceitaram participar, não responderam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ou o questionário de forma completa.

Procedimentos de coleta

O instrumento foi adaptado do questionário validado por Servidoni et al. (2006)⁷. Foram realizadas adaptações para adequação ao contexto da população estudada, incluindo a inserção de perguntas sobre frequência recente de automedicação e fontes de aconselhamento. O instrumento foi previamente revisado por pesquisadores da área e submetido a teste piloto com estudantes para verificar clareza e compreensão. É importante ressaltar que a natureza autoaplicável do

questionário pode gerar viés de memória e de desejabilidade social.

A coleta de dados foi realizada durante os meses de maio a agosto de 2025. Para isso, utilizou-se um questionário, disponibilizado de forma digital por meio da plataforma *Google Forms*. O link de acesso ao formulário foi compartilhado com os alunos por QR code afixado em ambientes de uso comum da universidade e enviado por aplicativos de mensagens e redes sociais.

Análise dos dados

Inicialmente foi realizada análise descritiva das variáveis. A normalidade dos dados foi avaliada pelo teste de Kolmogorov-Smirnov. Para comparação entre períodos do curso utilizou-se o teste de Kruskal-Wallis. Associações entre variáveis categóricas foram avaliadas pelo teste do qui-quadrado, adotando-se nível de significância de 5%.

RESULTADOS

Perfil dos participantes

Um total de 216 estudantes do curso de medicina responderam ao questionário. A Tabela 1 destaca o perfil dos indivíduos. Com base nos resultados, observou-se predominância do sexo feminino 154/216 (71,3%), seguida por participantes do sexo masculino 62/216 (28,7%). Os estudantes do ciclo básico (Do primeiro ao quarto período) representaram 123/216 (57%) das respostas, enquanto o ciclo

clínico (do quinto ao oitavo período) observou-se 93/216 (43,1%) de participação. Quando analisamos a distribuição por períodos, a maior porcentagem foi do primeiro período 42/216 (19,6%) e a menor foi a do oitavo período 18/216 (8,3%). A faixa etária predominante foi de 18 a 22 anos 133/216 (61,6%), seguida pelas faixas de 23 a 27 anos 66/216 (30,6%), sendo observado apenas 2/216 (0,9%) participantes iguais ou acima dos 38 anos.

Tabela 1 - Distribuição das características associadas ao perfil dos participantes.

Variável	N	(%)
Sexo		
Feminino	154	71,3
Masculino	62	28,7
Idade		
18-22 anos	133	61,6
23-27 anos	66	30,6
28-32 anos	10	4,6
33-37 anos	5	2,3
>= 38 anos	2	0,9
Período do curso		
Primeiro período	42	19,4
Segundo período	37	17,2
Terceiro período	19	8,8
Quarto período	25	11,6
Quinto período	20	9,2
Sexto período	21	9,7
Sétimo período	34	15,8
Oitavo período	18	8,3

Grau de conhecimento sobre automedicação e principais justificativas

Os resultados demonstram que a maior parte dos participantes compram medicamentos sem receita médica 204/216 (94,4%). Ainda, observa-se que mesmo consi-

derando que os participantes possuem conhecimento suficiente, adquirido através do curso 149/216 (69%) a automedicação ainda é recorrente entre os acadêmicos. A Tabela 2 traz os resultados relacionados ao grau de conhecimento de uma forma mais detalhada.

Tabela 2 - Grau de conhecimento dos participantes sobre automedicação.

Variável	N	(%)
Compra de medicamentos sem receita médica		
Sim	204	94,4
Não	12	5,6
Aconselhamento com farmacêutico ou balconista		
Sim	174	80,6
Não	42	19,4
Procura de atendimento médico nos últimos meses		
Há menos de 1 semana	21	9,7
Entre 1 semana e 1 mês atrás	40	18,5
Entre 1 e 3 meses atrás	57	26,4
Mais de 3 meses atrás	71	32,9
Não se recorda	27	12,5
Conhecimento total sobre os efeitos colaterais do medicamento		
Não, mas a maioria	129	59,7
Não, mas acreditava que os benefícios seriam maiores	60	27,8
Sim, todos	27	12,5
Conhecimento sobre os riscos da automedicação		
Conhecimento suficiente, adquirido através do curso	149	69,0
Conhecimento popular	49	22,7
Conhecimento insuficiente	18	8,3

A Figura 1 demonstra os principais motivos apontados para a automedicação que incluem: uso anterior do medicamento, falta de tempo para procurar um profissional médico, conhecimento adquirido no curso de Medicina. Entre outros motivos foram citados a grande fila de espera e o alto custo da consulta de algumas especialidades médicas, além da facilidade em conseguir adquirir medicamentos mesmo sem receita

médica. Ademais, 137 participantes afirmaram que, nos últimos seis meses, a maioria das vezes que se medicaram foi através da automedicação, 26 pessoas se automedicaram todas as vezes que utilizaram um remédio, 50 na minoria das vezes e três participantes relataram nunca ter se automedicado, resultado que pode refletir variações individuais ou possível inconsistência de autorrelato.

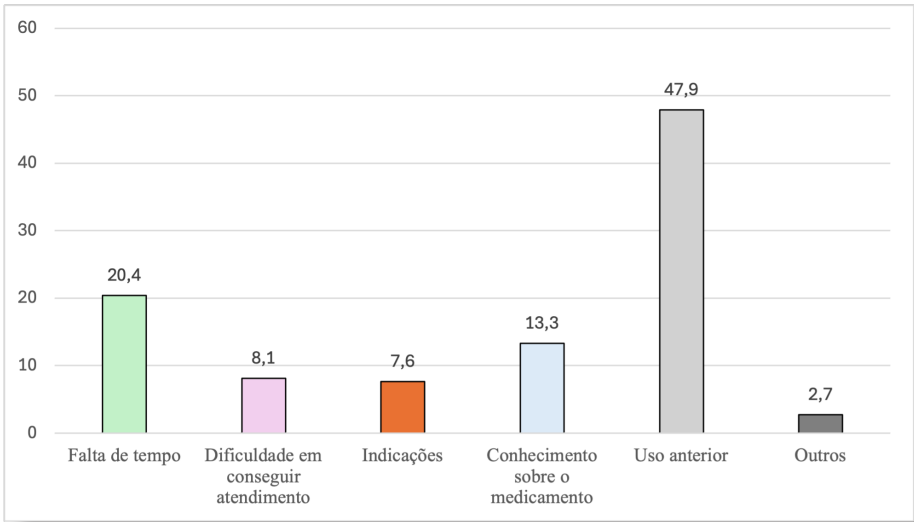


Figura 1 - Principais justificativas para automedicação.

Classificação de medicamentos utilizados pelos participantes

As classes de medicamentos mais utilizadas foram os analgésicos, anti-inflamatórios, xaropes para tosse, antialérgicos e antibióticos. No entanto, observou-se também o uso de psicoestimulantes, antidepressivos e

benzodiazepínicos. O principal sintoma apontado para a prática de automedicação foi cefaleia, seguido de resfriados, alergias e infecções gastrointestinais. Também foram citados candidíase, vaginose bacteriana, falta de foco e tristeza. A Figura 2 representa a proporção desses resultados.

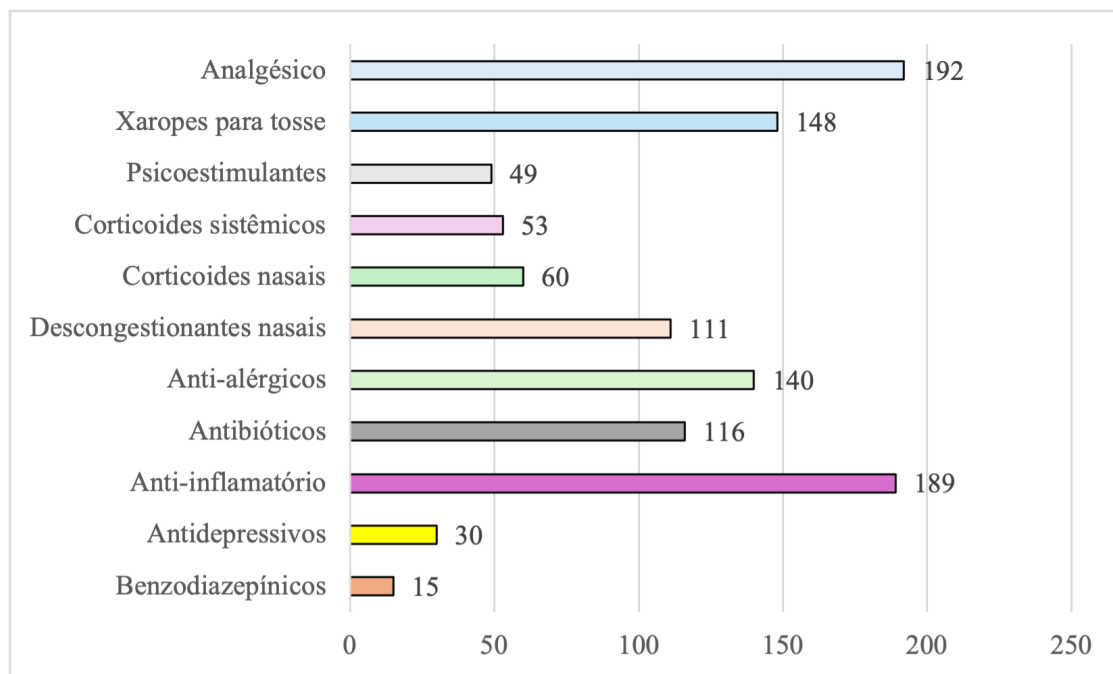


Figura 2 - Tipos de medicamentos utilizados de forma automedicada.

Análise da prática de automedicação entre turmas

Foi realizada análise estatística inferencial para verificar possível relação estatística entre períodos do curso e a automedicação. A partir dessa análise, as turmas com maiores médias (maior prática de automedicação) foram o oitavo e quinto período (média 2,11 e 2,10 respectivamente). A partir dessa análise, e considerando um $p < 0,05$, a aplicação do teste Kruskal-Wallis verificou que diferença não é significativa considerando todas as turmas ($p = 0,0879$), nem nas comparações pareadas com correção (sem diferenças significativas pós-ajuste). Em termos práticos não podemos afirmar com significância estatística que alguma turma pratica mais automedicação que as outras.

DISCUSSÃO

Os achados deste estudo evidenciam uma elevada prevalência de automedicação entre estudantes de medicina (94,4%), valor superior ao descrito em estudos prévios, como o de Lekhak *et al.* (2024)⁸, com prevalência de 67,7%, e Hassan e Koabar (2025)⁹, que observaram 71% em estudantes de medicina em contextos distintos. Ressalta-se, contudo, que tais investigações apresentaram amostras maiores ($n=322$

No entanto, também foi realizada uma comparação isolada entre as turmas com maior discrepância de conhecimento, o primeiro período (início do ciclo básico) e oitavo período (fim do ciclo clínico). A aplicação do teste de qui-quadrado entre as turmas e categorias de automedicação (04 categorias), levou a um $p = 0,0199$, demonstrando que há evidência estatística de associação entre turma e categoria de automedicação pelo teste qui-quadrado ($p < 0,05$).

Reconhecemos as limitações deste trabalho no que diz principalmente ao tamanho da amostra, que foi reduzido e composto principalmente pelas turmas mais novas da universidade, o que pode ter afetado os resultados. Para futuras pesquisas, sugere-se a avaliação de uma amostra maior.

e $n=256$, respectivamente) e diferentes contextos socioculturais, o que pode influenciar diretamente os padrões observados. Essa discrepância sugere que fatores locais, como organização do sistema de saúde, acesso a serviços e características da formação médica, podem modular a prática da automedicação.

A elevada frequência observada pode ser interpretada à luz de modelos teóricos do comportamento em

saúde, como o Modelo de Crenças em Saúde (Health Belief Model), no qual a percepção de susceptibilidade reduzida e a confiança no conhecimento técnico podem levar à adoção de comportamentos de risco. Nesse contexto, a formação médica pode contribuir para uma percepção de invulnerabilidade, na qual o estudante acredita possuir capacidade suficiente para autodiagnóstico e automanejo, mesmo em situações que exigiriam avaliação profissional¹⁰.

No presente estudo, observou-se maior prevalência de automedicação entre indivíduos do sexo feminino e na faixa etária de 18 a 22 anos, achado consistente com a literatura, que aponta maior tendência de automedicação entre jovens adultos, possivelmente relacionada à maior autonomia, acesso à informação e menor percepção de risco. Além disso, fatores como uso prévio de medicamentos, dificuldade de acesso a serviços de saúde e limitação de tempo foram identificados como principais determinantes da prática.

Importante destacar que os dados referentes aos motivos da automedicação derivam do presente estudo, embora sejam corroborados por investigações anteriores, como Ramadan (2022)¹¹, que descreve o conhecimento prévio e experiências pessoais como fatores determinantes relevantes. Tal achado reforça o papel ambivalente da formação em saúde, que, ao mesmo tempo em que amplia o conhecimento, pode favorecer a adoção de práticas inadequadas quando não acompanhada de reflexão crítica.

Entre os medicamentos mais utilizados, destacaram-se analgésicos e anti-inflamatórios, em consonância com estudos de Alviz-Amador *et al.* (2023)¹² e Khadka e Kaffle (2020)¹³. Entretanto, chama atenção a proporção de estudantes (22,8%) que relataram uso de psicoestimulantes sem prescrição médica, valor superior ao observado em estudos realizados com estudantes da área da saúde no Distrito Federal (20%) e na Universidade Federal de Minas Gerais (9%). Esse comportamento pode estar associado à elevada carga acadêmica e à busca por melhora do desempenho cognitivo, embora envolva riscos significativos, incluindo

do eventos adversos como taquicardia, hipertensão e alterações neuropsiquiátricas.

No que se refere às fontes de aconselhamento, a maioria dos participantes relatou recorrer a farmacêuticos e balconistas de farmácia. É fundamental diferenciar essas categorias: o farmacêutico é um profissional habilitado, com formação em farmacologia, podendo prescrever Medicamentos Isentos de Prescrição (MIPs), o que não configura automedicação; por outro lado, o balconista não possui formação técnica para orientação farmacológica. Além disso, o uso da internet e de plataformas digitais foi amplamente citado, corroborando estudos como o de Lin e Lin (2024)¹⁴, que demonstram associação entre uso intensivo da internet e maior propensão ao autodiagnóstico e automedicação.

Outro aspecto relevante refere-se ao conhecimento sobre os medicamentos utilizados. Apesar de 69% dos estudantes relatarem aquisição de conhecimento ao longo do curso, apenas 12,6% afirmaram conhecer plenamente os efeitos colaterais. Ademais, 27,4% acreditam que os benefícios superam os riscos mesmo sem conhecimento adequado, evidenciando uma dissociação entre conhecimento percebido e comportamento seguro.

Observou-se ainda maior prevalência de automedicação nos períodos iniciais do curso, especialmente entre estudantes que não haviam concluído disciplinas de farmacologia, sugerindo que a formação incompleta pode contribuir para práticas inadequadas. Estudos como o de Lekhak *et al.* (2024)⁸ demonstram que cerca de 30,7% dos estudantes que se automedicam apresentam reações adversas, sendo que 55,2% necessitam posteriormente de atendimento médico para manejo dessas complicações, o que evidencia a ocorrência de eventos adversos inesperados e reforça a necessidade de intervenções educativas. Dessa forma, a automedicação entre estudantes de medicina configura-se como um fenômeno multifatorial, influenciado por fatores individuais, acadêmicos e estruturais.

CONCLUSÃO

Este estudo evidenciou elevada prevalência de automedicação entre estudantes de medicina, com destaque para o uso frequente de analgésicos, anti-inflamatórios e, em menor proporção, psicoestimulantes, além da influência relevante de fontes informais de orientação. Os achados sugerem associação entre familiaridade com medicamentos, barreiras de acesso ao sistema de saúde e características da formação médica com a manutenção dessa prática.

Considerando as limitações metodológicas, os resul-

tados devem ser interpretados com cautela e não permitem estabelecer relações causais. Diante disso, recomenda-se a inserção de conteúdos estruturados sobre uso racional de medicamentos ao longo da graduação, desenvolvimento de campanhas educativas institucionais voltadas à conscientização sobre riscos da automedicação, estímulo à farmacovigilância acadêmica, incentivando a notificação e discussão de reações adversas, além da Integração de abordagens que promovam reflexão ética sobre o papel do estudante como paciente.

Declaração do autor CRediT

Conceitualização: Bakalarczyk ID; Ribeiro ACA; de Paiva MJM; Santos MS; Metodologia: Bakalarczyk ID; Ribeiro ACA; de Paiva MJM; Santos MS; Validação: Bakalarczyk ID; Ribeiro ACA; de Paiva MJM; Análise Estatística: Bakalarczyk ID; Ribeiro ACA; Santos MS; Análise Formal: de Paiva MJM; Santos MS; Investigação: Bakalarczyk ID; Ribeiro ACA; Ribeiro MA; Recursos: Bakalarczyk ID; Ribeiro ACA; Redação – Preparação do Rascunho Original: Bakalarczyk ID; Ribeiro ACA; Ribeiro MA; Redação – Revisão e Edição: de Paiva MJM; Santos MS; Visualização: Bakalarczyk ID; Ribeiro ACA; Santos MS; Supervisão: de Paiva MJM; Santos MS; Herrera SDSC; Administração do Projeto: Bakalarczyk ID; de Paiva MJM; Santos MS; Herrera SDSC.

Todos os autores leram e concordaram com a versão publicada do manuscrito.

Declaração de conflito de interesse

Os autores declaram que não têm interesses financeiros concorrentes ou relações pessoais conhecidas que possam ter influenciado o trabalho relatado neste artigo.

REFERÊNCIAS

1. Makowska M, Boguszewski R, Nowakowski M, Podkowińska M. Self-medication-related behaviors during Poland's COVID-19 lockdown. *Int J Environ Res Public Health*. 2020;17(22):8344. doi:10.3390/ijerph17228344
2. Batista JA, Garbin AJI, Wakayama B, Garbin AJ, Garbin CAS. Automedicação e saúde pública: dimensionamento dos fatores de risco e comportamentos de saúde. *Saúde Pesqui*. 2021;14(Supl 1):1–18.
3. Prado NMDBL, Messias GC, Santos GO, Nunes VS, Schinonni MI, Paraná R. Drug-induced liver injury in a primary healthcare center. *Arq Gastroenterol*. 2019;56(4):390–393. doi:10.1590/S0004-2803.201900000-70
4. Elmahi OKO, Musa RAE, Shareef AAH, Omer MEA, Elmahi MAM, Altamih RAA, et al. Perception and practice of self-medication with antibiotics among medical students in Sudanese universities: a cross-sectional study. *PLoS One*. 2022;17(1):e0263067. doi:10.1371/journal.pone.0263067
5. Shrestha AB, Aryal M, Magar JR, Shrestha S, Hossainy L, Rimti FH. The scenario of self-medication practices during the COVID-19 pandemic: a systematic review. *Ann Med Surg (Lond)*. 2022;82:104482. doi: 10.1016/j.amsu.2022.104482
6. Yasmin F, Asghar MS, Naeem U, Najeeb H, Nauman H, Ahsan MN, et al. Self-medication practices in medical students during the COVID-19 pandemic: a cross-sectional analysis. *Front Public Health*. 2022;10:803937. doi:10.3389/fpubh.2022.803937
7. Servidoni AB, Coelho L, Navarro ML, Ávila FG, Mezzalana R. Perfil da automedicação em pacientes otorrinolaringológicos. *Braz J Otorrinolaringol*. 2006;72(1):83–88. doi:10.1590/S0034-72992006000100013
8. Lekhak PP, Mainali N, Mandal S, Basnet S, Oli N. Self-medication among basic science medical students of a tertiary care centre: a descriptive cross-sectional study. *JNMA J Nepal Med Assoc*. 2024;62(271):196–201. doi:10.31729/jnma.8497
9. Hassan NM, Koabar SMM. Self-medication pattern among medical students in Middle Delta, Egypt. *BMC Med Educ*. 2025;25(1):99. doi: 10.1186/s12909-025-06678-x
10. Alvarado ZNA, Sangay MAC, Guerra DIC, Huaripata EP, Bazualdo-Fiorini ER. Estilos de vida y factores asociados a la automedicación en estudiantes de medicina humana. *Vive Rev Salud*. 2024;7(19):308–320.
11. Ramadan B. Knowledge and attitude of medical students toward self-medication. *J Popul Ther Clin Pharmacol*. 2022;28(2):e83–e91. doi:10.47750/jptcp.2022.862
12. Alviz-Amador A, Bastos-Zayas H, Garcia-Valdelamar J. Hábitos de consumo de medicamentos de venta libre por estudiantes del área de la salud en Cartagena. *Univ Salud*. 2023;25(2):9–18. doi:10.22267/rus.232502.273
13. Khadka A, Kafle KK. Prevalence of self-medication among MBBS students of a medical college in Kathmandu. *JNMA J Nepal Med Assoc*. 2020;58(222):69–74. doi:10.31729/jnma.4817
14. Lin C, Lin H. Impact of mobile Internet use on health-seeking behaviors: evidence from China. *Front Public Health*. 2024; 12:1403877. doi:10.3389/fpubh.2024.1403877

Como citar este artigo: Bakalarczyk, I.D., Ribeiro, A.C.A., Ribeiro, M.A., Paiva, M.J.M., Herrera, S.D.S.C., Santos, M.S. (2026). Entre o saber e o risco: prevalência e padrões de automedicação entre estudantes de medicina no norte do Brasil. *O Mundo Da Saúde*, 50. <https://doi.org/10.15343/0104-7809.202650e18792025P>. *Mundo Saúde*. 2026,50:e18792025.